

O trabalho como fonte de sociabilidade, subjetividade e identidade na obra *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato

Angela Maria Rubel Fanini*

RESUMO:

Neste artigo, analisam-se seis capítulos da obra *Eles eram muitos cavalos* (2010) do escritor brasileiro Luiz Ruffato, focalizando aí, a partir das teorias da sociologia do trabalho e da perspectiva estético-sociológica, como o texto literário cria e recria o universo do mundo do trabalho. As situações narrativas investigadas revelam que o trabalho, e o seu avesso, o desemprego, são categorias importantes na trajetória das personagens, conferindo-lhes certa identidade e subjetividade e proporcionando-lhes sociabilidade. O trabalho é ainda objeto de desejo, mesmo que precário, efêmero e parcializado. O trabalho regular e permanente confere maior estabilidade e identidade às personagens que dele comungam.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Universo do trabalho. Narrativa contemporânea. Luiz Ruffato.

Literatura e mundo do trabalho

Este artigo vincula-se ao Projeto de Pesquisa denominado, “A formalização discursiva do universo do trabalho em textos literários brasileiros”, em que se procura investigar como se articulam as dimensões da infraestrutura (mundo material) e da superestrutura (mundo imaterial das ideias), admitindo-se que ocorrem múltiplas interações entre esses dois âmbitos. Entende-se que a literatura, sendo uma produção cultural, aproxima-se do mundo do trabalho, representando-o a partir de um prisma que lhe é peculiar e específico. Acredita-se que a partir do texto literário é possível verificar como os escritores brasileiros veem o universo extraliterário do trabalho e como o fazem migrar para o interior do mundo ficcional, representando-o sob diversas maneiras que se constituem simultaneamente em uma visão específica de cada escritor e também em uma certa episteme referente a determinados contextos sociais e temporais. Temos investigado como ocorrem as construções literárias em torno do universo do trabalho, sobretudo, no século XIX e XX, e para este artigo selecionamos apenas um autor, devido à característica do texto acadêmico em tela, que não comporta uma análise panorâmica. Elegemos o escritor Luiz Ruffato, especificamente, a obra *Eles eram muitos cavalos*¹ para aí analisar as possíveis construções discursivas em torno da atividade laboral. A obra se formaliza em aproximadamente cento e cinquenta páginas, formato de bolso, e se constitui de sessenta e oito capítulos concisos, todos encimados por títulos curtos que resumem a narrativa ali contada. O número de capítulos é bastante significativo e traz uma variedade muito grande de personagens oriundos de várias classes sociais. Desse modo, o resumo da obra é dificultoso visto a multiplicidade de narrativas. Há possibilidade de ler em separado determinados capítulos visto que apresentam certa autonomia do todo. Entretanto, para se compreender melhor, é necessária a leitura do conjunto, visto que aí se percebem certas semelhanças entre as personagens à medida que a maioria age, vive e atua em uma sociedade cuja dimensão precária e degradada as envolve e compromete-lhes a existência. O próprio título da obra *Eles eram muitos cavalos* os aproxima independente de etnia, classe social, faixa etária e gênero. A narração ocorre mediante variados focos narrativos, apresentando uma pluridiscursividade orgânica a esses pontos de vistas particulares. Os

registros discursivos são variados, ou seja, o autor recria múltiplas vozes, dando uma fala específica a cada personagem, fazendo emergir daí seres angustiados, alegres, infelizes, degradados, trabalhadores, desempregados, humilhados, vencedores, vencidos. Feito esse levantamento sumário dos elementos composicionais do texto, selecionamos apenas seis capítulos a fim de analisar nosso objeto de estudo visto ser inapropriado investigar, no espaço de um artigo acadêmico, todos os capítulos. Debruçar-nos sobre os capítulos “Índio”, “A menina”, “Táxi”, “Trabalho”, “De branco” e “Rua”, investigando como o universo laboral interfere ou não na existência das personagens.

Algumas considerações teóricas sobre o mundo do trabalho

O trabalho e a tecnologia a ele associada sempre fizeram parte da história do homem², pois a cada época corresponde um modo de produção da existência material e social dos seres humanos. O descobrimento do fogo, do metal, da agricultura, da domesticação dos animais, da escrita, da imprensa, da maquinaria industrial e da internet, mais recentemente, foram invenções tecnológicas que revolucionaram o mundo do trabalho. A história do trabalho é tão antiga quanto a história do homem, visto que este ao alterar o meio ambiente a partir do trabalho, constitui-se enquanto ser social nessa *práxis*. Vários são os pensadores que tem se debruçado sobre a categoria trabalho. O trabalho como categoria fundante do ser social pode ser encontrado na obra de Engels (1990) que nos fornece a base para aprendermos o papel decisivo do trabalho na instituição do humano. Para o autor, a passagem do animal ao ser social, assim como a constituição da linguagem, são decorrências diretas do universo do trabalho. Adentrando o século XX, na continuação das ideias de Engels, temos a obra de Lukács (1980) para quem o trabalho é “protoforma da práxis social”, constituindo o homem enquanto ser social. Para esse autor, o trabalho instaura a subjetividade, a liberdade de escolha e a capacidade de planejamento devido à sua teleologia. A obra de Karl Marx, especificamente *O Capital* (1988), também percebe o trabalho em sua ontologia, mas o analisa em contradição direta com o capital. Aí, somente o trabalhador associado e com consciência de classe para si pode ser o sujeito histórico capaz de revolucionar as estruturas sociais e econômicas que o oprimem. Para Marx o trabalho é elemento central para a tomada de posição política e enfrentamento contra o capital.

Entretanto, essa perspectiva que abona o trabalho como campo de luta, possibilidade de interação, sociabilidade e subjetividade, no século XX, sobretudo a partir da década de setenta, é bastante discutida e problematizada à medida que ocorrem muitas metamorfoses no mundo do trabalho em decorrência de inúmeras mudanças. Essas alterações decorrem da reestruturação produtiva (Toyotismo), da derrocada do Socialismo real, da revolução tecnológica da microeletrônica, do capital móvel em busca de trabalhadores menos politizados e acabam por afetar diretamente a classe trabalhadora, enfraquecendo-a. Além disso, a partir daí, as desregulações do universo do trabalho propiciam a terceirização e a parcialização da atividade laboral e a neutralização das associações e sindicatos operários. Nesse cenário, há uma série de pensadores (Sennet (2009)³; Gorender (1999)⁴; Kurz (2010)⁵; Bauman (2008)⁶) para quem o trabalho deixa de ser categoria crucial para o embate contra o capital e para se construir a sociabilidade, a identidade e a subjetividade do trabalhador. A noção de classe trabalhadora perde a primazia no enfrentamento contra o capital. Apesar de haver muitos discursos que negam a centralidade do trabalho, há ainda outros, na atualidade que a reforçam. Esse é o caso de Antunes (1995, 2002) para quem só há sentido na vida se houver sentido no trabalho e vice-versa. O professor destaca a importância do trabalho decente, holístico e criativo como instaurador de significado na vida dos cidadãos. Embora haja um ambiente de exclusão e desemprego, há que se lutar por um universo laboral justo para todos. Antunes enfatiza a heterogeneidade da classe trabalhadora e expõe que o grande desafio, hoje, seria o de

se concretizar uma luta comum no meio dessa diversidade. Segue enfatizando que o trabalho é o cenário da luta, pois o próprio desemprego identifica-se pelo emprego, ou seja, o seu oposto o esclarece.

A precarização e a degradação do mundo do trabalho se acentuam na realidade e o ambiente literário também é afetado por esse cenário, conformando narrativas de personagens alheias ao universo do trabalho material ou afeitas à marginalidade e à exclusão em decorrência da falta de emprego e ocupação formal. Todavia, mormente, na obra aqui em tela, nos capítulos selecionados, vemos que ainda o trabalho é objeto de desejo por parte de muitas das personagens. Parecem estar em busca de algo que lhes dê um porto seguro material e simbólico e veem essa possibilidade concretizada em uma atividade laboral permanente ou transitória que possa lhes trazer alguma segurança e identidade. Doravante, ater-nos-emos à investigação da centralidade ou descentralidade do trabalho na vida e na trajetória de algumas personagens, sondando se a atividade laboral tem impacto ou não na subjetividade, sociabilidade e identidade das mesmas.

Trabalho, subjetividade, identidade e sociabilidade

No capítulo “O Índio”, há um narrador em terceira pessoa cuja linguagem incorpora tanto motivos literários à medida que denomina a personagem principal de “Peri” em referência literária direta ao Romantismo quanto agrega um tom de crônica coloquial em que avulta a voz da comunidade para contar as aventuras e desventuras do protagonista. Narra-se a chegada de Peri a um bairro paulista de classe popular e como se dá a ligação dele, por intermédio do trabalho, com o proprietário de certo bar. A personagem é só, sem família, sem habilidades e sem condições materiais de existência mínimas. Pede alimento ao proprietário e este lhe oferece trabalho. A personagem, então, aprende o ofício simplório de limpar o local e se afeiçoa ao patrão. Afeito ao trabalho regular, passa a se empregar na vizinhança para serviços gerais. O trabalho vai lhe dando certa identidade, sentido da existência e certa sociabilidade, visto que muitos passam a conhecê-lo. Também lhe propicia um local fixo de morada, embora rústico. Em um primeiro momento, desprovido da cultura urbana, sente-se isolado, mas ao ingressar no trabalho, adquire outra identidade que lhe possibilita existir mesmo que longe de suas origens e cultura indígenas. Embora o trabalho seja precário, parcial e parcamente remunerado, a personagem ali encontra a possibilidade de relacionar-se socialmente com o outro a partir da atividade laboral. Embora estenda suas habilidades laborais fora do primeiro contexto de trabalho, permanece fiel a ele, pois quando o proprietário do bar falece, retorna para ali e também vem a padecer. O primeiro vínculo empregatício marcou a sua identidade e na ausência desse, a vida não lhe tem mais sentido, pois se dissolvera a ligação de afeição que o trabalho propiciara. Os outros afazeres que exercera eram episódicos, efêmeros e ali não conseguira estabilizar relacionamentos e um sentido para a existência. Vê-se aqui como a atividade laboral é capaz de promover a sociabilidade e criar uma certa identidade, não se reduzindo à mera luta pela sobrevivência material, como nos coloca tanto Sennet (2009) quanto Antunes (2002). Há uma estreita conexão entre o trabalho e a vida e na ausência daquele, a vida também se desfaz. A personagem, longe de sua cultura indígena, adquire outros relacionamentos e diversos valores e isso advem do cenário laboral.

Em “A menina” conta-se a narrativa de uma família de mãe diarista, pai, técnico de aparelhos de ar condicionado, e a filha, de oito anos. Os três constituem uma família ordeira, trabalhadora e harmoniosa que causa estranheza no conjunto de capítulos em que a miséria, a degradação e a precarização são uma constante. Aqui, vê-se que o trabalho é constituinte das personagens e que a sua regularidade imprime uma certa estabilidade e segurança à família. O pai, antes desempregado, achava-se desorientado e fragilizado, sendo sustentado pelo elemento feminino, a esposa. Após encontrar trabalho e “dominá-lo aos poucos”, passa a adquirir segurança e certa identidade. Esse domínio e controle sobre o que faz é

ênfatisado, afastando-se portanto de um trabalho alienado e estranhado de que trata Marx (1988) em toda a sua obra capital. Na narrativa fica evidente que esse domínio veio aos poucos, sendo lentamente adquirido e assegurando à personagem a posse do ofício e o destaque de empregado competente no mundo do trabalho. O trabalho aqui é o domínio de uma técnica e valoriza a personagem, pois lhe confere um saber que o difere dos demais. A personagem mãe, talvez, por trabalhar como doméstica, tem certo envolvimento com os patrões, o que implica sociabilidade e isso também lhe confere certa estabilidade psicológica. Há sentido no trabalho e isso se espraia pela vida. A personagem menina também é colaborativa, pois faz os afazeres domésticos, auxiliando a família a se organizar. Como salientamos, essa narrativa causa certo estranhamento em comparação com as outras em que impera a desagregação familiar e laboral. A ausência de nomes próprios para as personagens pode apontar para uma possível abrangência dessa narrativa. Ela não é individualizada, singularizada em seu caráter extraordinário. O autor, em assim procedendo, revela que é possível haver harmonia e paz dentro de um universo conturbado. O trabalho regular pode ser a fonte de certa harmonia.

Em “Táxi” tem-se uma narrativa mais longa, quase um monólogo em que a personagem taxista conta em detalhes, enquanto dura a corrida de táxi, para um suposto cliente não interferente, sua trajetória de vida na cidade de São Paulo e de como conseguiu se manter e permanecer em um mesmo emprego, logrando se aposentar formalmente. Percebe-se que há uma narrativa para ser contada, pois o trabalho fixo lhe garantiu a possibilidade de ser conhecido na vizinhança, manter a família, fazer os filhos estudarem e se formarem e nessa *práxis* laborativa foi se socializando e se instituindo. Lamenta que “nos dias atuais”, os jovens não tenham trabalho como ele o tivera quando iniciou sua vida na cidade. A extensão da narrativa causa certa estranheza também, pois nem todos os capítulos apresentam o mesmo tamanho. Essa diferença se deve ao fato de que a personagem desse capítulo tem o que contar e o autor lhe dá espaço e voz visto que há ali uma vida mais rica e mais estável que se reflete em uma linguagem e narrativa mais extensas. O trabalho regular, não flexível e móvel, propiciou à personagem certas vivências mais duradouras. Isso lhe dá a possibilidade de refletir sobre a sua existência que não exita em contar a outrem. Acha-se bem sucedido e isso decorre de sua família, da propriedade que adquiriu e da estabilidade no trabalho. Essa trajetória de vida e trabalho articulados, em sua ótica, merecem ser narrados. Aqui podemos nos reportar à questão da “modernidade sólida” de que nos informa Bauman (2008) para quem o emprego de longa duração com carteira assinada traz segurança para o trabalhador. Na “modernidade líquida” quando o trabalho flexível e temporário é majoritário, o trabalhador perde a possibilidade de criar vínculos e isso diminui a sociabilidade. A subjetividade também decresce, pois não há o outro como interlocutor e testemunha, enfraquecendo o indivíduo, visto que na perspectiva desse autor o sujeito se faz na intersubjetividade. Indo de encontro à atualidade em que impera o trabalho fluido, precário e instável, essa personagem se apresenta vinculada à modernidade sólida, tendo uma narrativa para contar, pois a atividade laboral regular lhe propiciou residir em um certo local por longo tempo e aí fez amizades e desenvolveu relacionamentos.

No capítulo “Trabalho”, oposto ao anterior, há um narrador em terceira pessoa que vai enquadrando as várias falas negativas sobre a personagem foco, que é um jovem casado, desempregado e porque nessa condição, desabonado. A personagem não tem voz e sua trajetória resume-se a fazer cursos de qualificação (Senac, Senai, Central do Trabalhador) e, ao final, desamparado, não encontra trabalho. Nem mesmo a qualificação rotineira o torna empregável. O capítulo é extremamente sucinto. Parece que a sua condição de desempregado e não-empregável o esvazia de sentido, não tendo, inclusive uma voz narrativa, ao contrário da personagem do capítulo anteriormente analisado. O título do capítulo “Trabalho” é altamente crítico, pois afasta-se da personagem principal visto a sua inutilidade. Entretanto, dela se aproxima à medida em que o trabalho é objeto de desejo da personagem, porém inatingível.

Desse modo, o trabalho é central na vida da personagem, mas pelo viés negativo, haja vista que ou está a procurá-lo ou se mantém escondido das vistas da família e da vizinhança que o humilham por ser desempregado. A personagem deambula em busca de emprego e em não o encontrando, exila-se em parques o restante de seus dias e horas. Aqui, podemos nos remeter a Kurz (2010), que em seu ensaio sobre a descentralidade do trabalho, enfatiza a incoerência da sociedade ocidental que “endeuza” o trabalho, mas não o oferece para todos. Tendo em vista as questões já levantadas sobre as dificuldades do cenário laboral na atualidade em que o desemprego é estrutural em virtude das modernas tecnologias, podemos afirmar que a personagem desse capítulo representa, em parte, o trabalhador atual, ou seja, qualifica-se em cursos financiados pelo estado, mas não obtém êxito visto que o trabalho é escasso e raro. Entretanto, angustia-se e isola-se, pois a sociedade, representada no capítulo por sua família, insta-o a encontrar emprego. Em não obtendo, sente-se sem identidade e prejudicado em sua sociabilidade. Kurz também destaca que os desempregados anseiam por trabalhos mesmo que precários e isso os faz inaptos para a luta de transformação social para a qual deveriam se preparar. Essa personagem representa bastante bem essa realidade, ou seja, luta por entrar em um mundo cada vez mais distante e se anula nessa luta. A busca infrutífera e incessante por trabalho escraviza a personagem. Não há tempo fora do trabalho, mas apenas em função do trabalho. Distante se está do que advoga também Gorender (1999) ao se reportar à necessidade de se vivenciar o ócio, o entretenimento, as festas da comunidade e da família. O autor brasileiro vê o tempo livre de trabalho como fonte de sociabilidade e subjetividade. A personagem, no entanto, tem tempo livre, mas este é colonizado pelo trabalho.

Em “De branco”, a profissão de médico de Posto de Saúde e plantonista em salas de emergências é focalizada. Contam-se as vicissitudes e dificuldades de um profissional da medicina para sustentar a família e a si. A situação narrativa mostra a personagem Fernando em atividade de plantão e extremamente sonolento e exausto. Essa condição de exaustão conduz a narrativa, inclusive nos seus componentes composicionais, ou seja, na escolha das palavras, da sintaxe da frase, das associações mentais confusas. Embora seja narrado em terceira pessoa, o narrador cola-se onisciente à personagem, formalizando uma linguagem que lhe é bem específica e a vai instituindo. O trabalho é estafante e condiciona o restante da vida que é prejudicada pela constante labuta e ausência de férias. Todavia, nesse marasmo e rotina, irrompe um fato que muda o sentido do trabalho e da vida da personagem. Estando no plantão, ocorre um evento que a faz alterar a sua rotina laboral. Uma vítima baleada deve ser operada, mas o médico a reconhece como um assaltante que invadira a sua casa e quase matara a sua família. Recusa-se a operá-la e coloca inclusive o seu emprego à disposição se houver alguma reprimenda futura. Aqui, o trabalho e a vida conectam-se intimamente. A escolha ética ou antiética do médico em se recusar a exercer o seu ofício confere sentido à existência, pois pode vingar-se do assaltante à medida que lhe nega atendimento. O trabalho é aí central, pois lhe garante retribuir a violência que sofrera. O universo laboral é campo de escolhas, de lutas, de sentidos, mesmo que não atendam a uma ética profissional. Confere, portanto, subjetividade ao médico. O título do capítulo remete simbolicamente tanto à profissão de médico quanto à ideia de paz. Entretanto, a profissão pode incitar ao embate, sinalizando também para a luta de classes visto que o médico e o assaltante se reencontram para o confronto final. O trabalho e a técnica a ele associada dão a possibilidade de escolha entre a vida e a morte de outrem e a atividade laboral, para a referida personagem, é central, pois lhe confere poder, autonomia e subjetividade.

Por fim, em “Rua”, conta-se a história de uma personagem que exercera um trabalho fixo de zelador em um prédio da cidade de São Paulo, ocupando o cargo que fora do sogro por décadas. Todavia, acha-se desempregado, restando para si apenas as memórias de seu tempo de trabalhador. O sogro conseguiu se aposentar no ofício. Já o genro perde a esposa e a família se desagrega, implicando também em desarranjado laboral. Além da decadência familiar, a perda do emprego resulta também

de um incidente em que se envolve (não deixa um morador, acompanhado de um marginal, entrar no prédio. O morador insatisfeito, utiliza-se de seu poder hierárquico, e pressiona o síndico a demiti-lo). A narrativa se formaliza em retrospectiva, pois se inicia com a personagem rondando o prédio em que trabalhara e percebe-se que faz isso como uma certa rotina. Entretanto, acha-se desempregado, mal vestido, aparentando ser um andarilho a quem só restam as memórias de um tempo pretérito em que tinha uma identidade, uma casa, um emprego e familiares. Ao final do conto, em um momento de tentativa de captura do passado estável, lembra da camisa que outrora usava no trabalho e lhe conferia identidade. A peça material já não existe, mas ficara em sua mente, sendo lembrada e evocada, trazendo uma vivência plena do sentido que perdera. A peça era de uso exclusivo da personagem visto que continha seu nome e sua função “cuidadosamente bordados em azul-marinho”. Somente nesse momento, tem-se acesso ao nome da personagem, pois no bordado lê-se: “Wilson, Zelador”. Essa denominação faz com que ocorra a subjetivação da personagem cuja individualização emerge em função do trabalho de zelador que exercera. A lembrança do passado laboral é tão significativa que o narrador decide finalizar o capítulo com a imagem da referida camisa e, sobretudo, do bordado que continha. A escolha dessa peça e da realidade material e simbólica que ela rememora são partes constituintes da personagem visto que o narrador narra a partir do olhar e do desejo da personagem. O título do capítulo refere-se à errância e mendicância da personagem, pois Wilson deambula pela rua. Todavia, perambula em busca de seu passado, de um lugar que outrora lhe conferiu estabilidade e fixidez. Esse capítulo nos remete à questão do trabalho como categoria ontológica de que trata tanto Engels (1990), Marx (1988) e Lukács (1980) à medida que a personagem recebe sua primeira denominação na narrativa por intermédio de seu passado laboral e esse também traz consigo toda a história do protagonista, ou seja, a narrativa de seus relacionamentos sociais e afetivos. Já, no cenário da rua, acha-se desprovido de propriedade, amigos, familiares e emprego e é caracterizado como andarilho cuja única ventura consiste em passar pela frente ou deambular em volta do antigo prédio em que vivera e trabalhara. O trabalho aí, mesmo que ausente e distante, é fonte de sociabilidade e individualização.

Considerações Finais

Após a análise dos seis capítulos, enfocando-se, mormente, na atividade laboral das personagens, conclui-se que o universo do trabalho confere sentido à vida das personagens. O trabalho, mesmo precário, efêmero e mal remunerado, é objeto de desejo das personagens e, na falta desse, ocorre uma desagregação muito acentuada na vida psicológica, material, social, familiar e cultural das mesmas. O trabalho tem poder de instituir identidade, promover a sociabilidade e constituir certa subjetividade. A linguagem das personagens que detém uma atividade laboral permanente é mais densa, mais extensa e gera trajetórias pessoais mais ricas e detalhadas que se estendem em uma temporalidade maior. A linguagem dos desempregados e dos não-empregáveis é menos elaborada e essas personagens muitas vezes são narradas por vozes que as desabonam em decorrência de sua condição não-laboral. Personagens outrora empregadas tentam capturar o passado glorioso em que eram ativas, retirando do pretérito um sentido para a existência atual. O universo extraliterário do âmbito do trabalho é recriado e mediado pela voz de Luiz Ruffato, que é escritor sensível a uma das dimensões mais importantes do ser social visto que a atividade laboral revela o homem na sua *práxis* cotidiana, na sua labuta material, na sua ânsia de alterar o seu entorno, e na sua constituição ontológica. A precariedade do mundo do trabalho desagrega, desconstrói, enfraquece a identidade, obstaculiza a subjetividade e a sociabilidade. A obra literária pode reconstruir esse mundo, iluminando-o e levando os leitores a refletir sobre os sentidos do trabalho. Luiz Ruffato, a partir da área das Letras e do discurso literário,

leva-nos a refletir, juntamente com os sociólogos, historiadores e economistas aqui referidos, sobre esse difícil e precário universo laboral da atualidade e de como o trabalho pode ser central ou não na vida das personagens que recriam os cidadãos que agem, sofrem, atuam e vivem na sociedade.

Work as a source of sociability, subjectivity and identity in *Eles eram muitos cavalos* by Luiz Ruffato

ABSTRACT:

This article analyses six chapters of *Eles eram muitos cavalos* (2010), a novel by the Brazilian writer Luiz Ruffato, using as theoretical framework the Sociology of Labour and a sociological-aesthetic perspective, focusing on how literary texts reconfigure the universe of labour. The narrative reveals that work and its reverse, unemployment, are significant categories in the characters' trajectories, endowing them with an identity and subjectivity and promoting their sociability. Work, even if precarious, short-lived and compartmentalised, remains an object of desire. Regular and permanent work provides greater stability and an identity to the characters sharing it.

Keywords: Brazilian literature. Labor universe. Contemporary narrative. Luiz Ruffato.

Notas explicativas

* Professora do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

¹ RUFATTO, L. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: Editora BestBolso 2010. As citações se referem a essa edição.

² Leroi-Gourhan (1964), antropólogo de bases estruturalistas-materiais, apresenta, em texto que trata da história de longa duração do desenvolvimento do homem, os vários períodos e suas especificidades tecno-econômicas, demonstrando que a inovação tecnológica sempre foi uma das constantes na História do homem. Da pré-história à contemporaneidade, vai demonstrando o surgimento de variadas soluções técnicas para atender diferentes demandas, sem contudo, deixar de destacar as continuidades e os universais invariantes, a saber a agricultura, o metal, a violência, o trabalho, a estratificação social e a inovação técnica. Destaca que o trabalho técnico e material tem sido desvalorizado nessa longa jornada. Esse dado é relevante também para este artigo visto que, na obra, o labor material é mal remunerado e associa-se às personagens oriundas de classes subalternas.

³ Sennet (2009) analisa o trabalho flexível e móvel que obriga o trabalhador a mudar de emprego e de residência com frequência e de como isso gera uma alteração profunda de identidade e de consciência de si. A mudança gera uma instabilidade identitária grande, pois já não se pode traçar uma "narrativa" daquele trabalhador, daquele vizinho e daquele parente visto que ele se torna volátil, movimentando-se de emprego a emprego e de cidade a cidade. Nada mais há de fixo sobre ele e, em não havendo pontos fixos, fica prejudicada a elaboração de um perfil e uma identidade para este indivíduo que perambula, que é nômade, que é móvel. Na obra em questão, temos a oportunidade de ver inúmeras personagens cuja identidade se acha fraturada pela ausência de trabalho. A atividade laboral estável está associada a personagens mais densas.

⁴ Gorender (1999) nega a centralidade da classe trabalhadora de que trata Marx como sujeito de mudança, mas não a negação da importância do trabalho. O trabalho continua sendo fator de socialização, mas perde sua categoria central de humanização. Advoga o advento de uma sociedade socialista, comungando das ideias de outros autores aqui referidos, destacando aí a predominância do tempo livre e não do tempo de trabalho. Nesse tempo livre, o sujeito se autodetermina, emancipa-se e volta a ser criativo e desaliena-se do trabalho abstrato. Não nega a importância do trabalho, mas o tempo livre é que pode propiciar o florescimento desse outro homem, livre para a comunicação, as

artes e a política em outras bases sociais e econômicas. Na obra de Ruffato, não há nenhuma personagem trabalhador sindicalizado ou associado a encetar certa resistência ao Capital.

- ⁵ Esse autor, em obra recente (2010), enceta um diálogo em contraponto com Marx, publicando o texto “Manifesto contra o trabalho”, obra polêmica, dentro do marco marxiano, mas dele se distanciando à medida que advoga a descentralidade do trabalho. Kurz recupera os escritos de Paul Lafourgue, genro de Marx, defendendo o direito ao ócio e enfatizando que a ética da dignificação do trabalho regular e permanente e que consome boa parte da existência deveria ser refutada. Termina o manifesto, instando os trabalhadores do mundo a unirem-se contra o trabalho e contra o capital que deles já prescindem. Os trabalhadores e desempregados ainda são sujeitos da mudança, mas não em prol de se incluírem no mundo do trabalho deteriorado, mas a favor de mais tempo livre, fora do trabalho alienado e degradado.
- ⁶ Bauman (2008) vê mudanças significativas no mundo do trabalho e no perfil da classe trabalhadora do século XIX e dos séculos XX e XXI. A centralidade do trabalho surge em nível discursivo nos séculos XVIII e XIX de modo sistemático. A esse período chama de “modernidade sólida” e pesada em que o trabalhador fixo permanece na fábrica e isso gera uma união quase indissolúvel entre capital e trabalho. O trabalhador tem confiança que ali permanecerá, e é ali que luta. Já, nos tempos atuais, que chama de “modernidade líquida,” fluida e volátil, mudam-se as relações de trabalho. Flexibilidade é a palavra de ordem e definidora das novas posições da vida laboral e esta se encontra saturada de incertezas visto a ausência de pontos fixos. A incerteza gera a individualização do trabalhador, impedindo a associação e reflexão coletiva para a luta. Vemos que na obra escolhida, o trabalho fixo e de longo prazo gera narrativas mais complexas em torno de personagens mais elaboradas.

Referências

- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002. 258p.
- _____. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses do trabalho e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez/ Unicamp, 1995. 247p.
- BAUMAN, Z. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 322p.
- ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Global, 1990. 57p.
- GORENDER, J. *Marxismo sem utopia*. São Paulo: Ática, 1999. 288p.
- GORZ, A. *Metamorfoses no mundo do trabalho: crítica da razão econômica*. 2. ed. Trad. Ana Montoia. São Paulo: Annablume, 2003. 247p.
- LEROI-GOURHAN, A. O gesto e a palavra - 1. In: LEROI-GOURHAN, A. *Técnica e linguagem*. Lisboa Edições 70. 1964, Cap. V, p. 147-168.
- LUKÁCS, G. *The ontology of social being: Labour*. Londres: Merlin Press, 1980. 342 p.
- KURZ, R. *Manifesto contra o trabalho*. Disponível em: <http://www.consciencia.org/krisis.shtml>. Acesso em: 11 maio 2010.
- MARX, K. *O Capital*. 12. ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. v. I e II. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988. 933p.
- RUFATTO, L. *Eles eram muitos cavalos*. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2010. 148 p.
- SENNET, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14. ed. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2009. 203p.

Recebido em: 31 de outubro de 2011

Aprovado em: 11 de janeiro de 2011